



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

UMA LEITURA DE ESPIRITUALIDADE E RELIGIÃO NO CONTEXTO PÓS-MODERNO À LUZ DA ARTE E POÉTICA

Raimundo Lopes Matos*
(UESB)

RESUMO

É uma abordagem sobre poética e religião no contexto moderno/pós-moderno. A escolha do tema é motivada pela relevância desses dois domínios no momento atual. Objetiva abordar a espiritualidade, poética e religião nos momentos históricos citados; ressaltar o papel da religião no homem e no meio em que está inserido; salientar influências dos contextos referidos nas práticas e nos procedimentos religiosos; identificar o modo de ver da religião sob um escopo poético e global. O trabalho vem respaldado pelo embasamento teórico-metodológico de estudiosos como Mircea Eliade, Hans Küng, Jostein Gaarder, religião; Teixeira Coelho e Jair Ferreira dos Santos, pós-modernidade; Charles Sanders Peirce e Lúcia Santaella, Semiótica; serão utilizados textos de diversos poetas. Usam-se os processos abdução, indutivo e dedutivo em termos semióticos. É uma leitura cíclica e interconectada com as suas partes constitutivas.

PALAVRAS-CHAVE: Religião, Espiritualidade, Poética.

* Professor Pleno de Literatura Brasileira – Pós-Doutor em História Política da América Latina; Doutor e Mestre em Comunicação e Semiótica. Departamento de Ciências Humanas e Letras – DCHL/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Grupo de Pesquisa: Comunicação e Semiótica: linguagens e leituras. E-mail: raimundo.matos@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

INTRODUÇÃO

Esta leitura investigativa tem por objeto uma abordagem sobre espiritualidade e religião no contexto pós-moderno à luz da arte poética, num exercício interdisciplinar.

A escolha do assunto foi motivada pela relevância do tema neste presente momento histórico. Neste espaço poético-religioso; pela interdisciplinaridade responsável pela prática dialógica, operatória, produtiva, construtiva e imbricada, entre esses domínios.

O texto tem por objetivo abordar a espiritualidade pela práxis da religião nos momentos históricos referidos; ressaltar o papel da religião no homem e no meio em que está inserido; salientar influências dos contextos referidos nas práticas e nos procedimentos religiosos; identificar o modo atual de ver da religião sob um escopo poético e global.

O trabalho vem respaldado pelo embasamento teórico-metodológico de estudiosos da religião e/ou espiritualidade como Mircea Eliade, Hans Küng, Jostein Gaarder; pós-modernidade, Teixeira Coelho. Utilizar-se-ão, além disso, vários poemas de poetas diversos à guisa de exemplificação. Quanto aos tipos de raciocínio, adotam-se os processos abdução, indutivo e dedutivo, operando seqüencial e simultaneamente. A abordagem se dá como um todo coeso, onde suas partes constituintes são recorrentes, a fim de configurara-se num todo textual. A leitura é sempre centrífuga, centrípeta, cíclica e interconectada com as suas partes constitutivas. Assim, o leitor é convidado a ter uma visão de instantaneísmo e simultaneidade.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A Presença Permanente da Espiritualidade

Admitindo ou não, consciente ou inconscientemente, o poeta, nesta qualidade, vive, cria e se comunica no vácuo e no hiato da movência dessa espiritualidade – ação incessante do espírito, no seu mundo interior intangível em busca do novo, da novidade, e do desconhecido, - busca esta que se dá, em especial, num tempo denominado, no grego, kairós. É tempo certo para as coisas acontecerem. Por isso, para muitos, as coisas só acontecem nesse tempo exato e certo. Não é por acaso, que o sábio Salomão escreve no livro de Eclesiastes: “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu”.⁽¹⁾ O tempo kairós, ao contrário de tempo chronos, também de origem grega, não é marcado pelo relógio: segundos, minutos, hora; nem pelo calendário: dia, mês, ano. Portanto, não é linear; é, porém, cíclico, recorrente, especial, único, permanente, efêmero, provisório, e eterno. Nele, o poeta exerce e expressa a sua espiritualidade. Esta não necessita, obrigatoriamente, de chancela de uma religião institucionalizada para se manifestar. Ela existe ontologicamente. Por isso, muitos poetas expressam, em seus textos, matizes e traços religiosos com suas crenças, seus ritos e liturgias sem, contudo, pertencerem sistemática e assiduamente, a uma religião específica. Essa espiritualidade funda, profunda e complexa, adquirirá formatação nos termos das teologias adotadas por este ou por aquele grupo de seguidores. Pierre Lévy, por exemplo, abordando uma visão teológica não cristã, diz: “Deus, os anjos, o pensamento e o mundo são apreendidos em termos qualitativos. Deus não é infinitamente mais do que nós (mais poderoso, mais sábio, mais justo...), mas radicalmente outro; unidade absoluta do pensamento pensando-se a si mesmo”⁽²⁾.

E o antropólogo, sociólogo e filósofo francês, Edgar Morin, ao tratar dos princípios do conhecimento pertinente, no item “O multidimensional”, registra:

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Unidades complexas, como o ser humano ou a sociedade, são multidimensionais: dessa forma, o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional. A sociedade comporta as dimensões histórica, econômica, sociológica, religiosa...⁽³⁾

Salvo melhor juízo, a espiritualidade existe, insiste e persiste no espaço ilimitado do Hiato que se inicia “antes do começo” e se estende para “depois do fim”. O poeta chileno, Vicente Huidobro, no vislumbre dessa Imensidão sem fronteiras, antes de morrer, deixou escrito um epitáfio que lhe acompanharia em sua lápide: “Abrid esta tumba: en el fondo se ve el mar”⁽⁴⁾.

É de se entender, que um equilíbrio nessa Imensidão, nesse Haito, entre hardware e o software humanos, a fim de haver um desenvolvimento integral: psíquico-afetivo-cognitivo-social-espiritual é de suma importância para a saúde mental do indivíduo com influências e contribuições benéficas para a vida social da coletividade e do mundo.

O Papa do Modernismo brasileiro, Mário de Andrade, pelos vieses unanímista⁶ e pacifista, escreve:

Ó paz, divina geratriz do riso,
Chega! Ó doce paz. Ó mega paz,
Sócia eterna de todos os progressos,
Estendei vosso manto puro e liso
Por sobre a Terra, que se esfaz!⁽⁵⁾

O poeta alagoano, Jorge de Lima, no seu poema “O Sono Antecedente”, diz: Para tudo que me impede de voltar ao sono iluminado / Que Deus me deu / Antes de me criar.⁽⁶⁾ Já o poeta mineiro, Murilo Mendes, afirma: “Sou ligado pela herança do espírito e do sangue / [...] Ao santo e ao demônio [...]”⁽⁷⁾. A carioca Cecília Meireles deixa a sua marca no seu poema Ises:



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

E diz-me a desconhecida:
"Mais depressa! Mais depressa!
"Que eu vou te levar a vida! . . .
"Finaliza! Recomeça!
"Transpõe glórias e pecados! . . .
Eu não sei que voz seja essa [...](⁸)

O poeta vanguardista e criacionista chileno, Huidobro, declara: El poeta es um pequeño Dios¹¹. Soy desmesurado cósmico(⁹).

Gregório de Matos Guerra, no soneto, A Jesus Cristo Nosso Senhor, exemplifica muito bem, o poeta e sua espiritualidade. Não se trata de valorar a sua vida espiritual: se é um religioso fervoroso e sincero, ou se é um mero fariseu hipócrita; ou, ainda, se é uma simples artista da palavra; trata-se, tão-somente, porém, de uma constatação do que o seu **eu poético** expõe a sua espiritualidade.

A Jesus Cristo Nosso Senhor

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta piedade me despido;
Antes, quanto mais tenho delinqüido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida já cobrada,
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História:

Eu sou, Senhor, ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória(¹⁰).

A igreja, com a sua tradição, ainda respira o teocentrismo medieval e exerce pleno domínio sobre o pensamento do homem de então. Gregório de Matos, por ter

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

vivido mais de três décadas na Europa e ter bebido, in loco, na fonte renascentista, onde o que deve prevalecer é o antropocentrismo, com a sua personalidade inquieta e revolucionária, é uma exceção e voz destoante, polifônica e carnavalizante entre os que nada dizem, senão o unísono amém.

O poeta mexicano, ensaísta, crítico literário, defensor do chamado universalismo estético-cultural, Octavio Paz, é responsável pelos “fundamentos dum moderno imaginário latino-americano”⁽¹¹⁾; por ser homem das letras, da filosofia, da antropologia, da religião, da história e de “temas do nosso tempo, é patente o ecletismo da sua cultura”⁽¹²⁾.

Eis o excerto:

Dios insaciable que mi insomnio alimenta;
Dios sediento que refrescas tu eterna sed en mis lágrimas,
Dios vacío que golpeas mi pecho con un puño de piedra, con un
puño de humo,
Dios que me deshabras,
Dios desierto, peña que mi súplica baña,
Dios que al silencio del hombre que pregunta contestas con un
silencio más grande,
Dios hueco, Dios de nada, mi Dios:
sangre, tu sangre, la sangre, me guía.
La sangre de la tierra,
la de los animales y la del vegetal somnoliento,
la sangre petrificada de los minerales
y la del fuego que dormita en la tierra,
tu sangre,
la del vino frenético que canta en primavera,
Dios esbelto y solar,
Dios de resurrección,
estrella hiriente,
insomne flauta que alza su dulce llama entre sombras caídas,
oh Dios que en las fiestas convocas a las mujeres delirantes
y haces girar sus vientres planetarios y sus nalgas salvajes,
los pechos inmóviles y eléctricos,
atravesando el universo enloquecido y desnudo
y la sedienta extensión de la noche desplomada.
Sangre,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

sangre que todavía te mancha con resplandores bárbaros,
la sangre derramada en la noche del sacrificio,
la de los inocentes y la de los impíos,
la de tus enemigos y la de tus justos,
la sangre tuya, la de tu sacrificio (13).

Ao tratar-se da práxis religiosa, o que se dá por intermédia das mais diversas religiões, julgam-se oportunas as palavras de Hans Künk.

Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões.
Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões.
Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais.
Nosso planeta não irá sobreviver, se não houver um etos global, uma ética para o mundo inteiro(14).

Aqui, são mostrados somente fragmentos textuais pertencentes aos grandes acervos e repertórios dos poetas referidos. Todavia, todos expressam, de maneira clara e inequívoca, a espiritualidade em cada um. Espiritualidade que, para alguns, existe tão-somente na esfera do texto; para outros, contudo, é algo textual, vivencial e disseminada pelo veio poético.

Religião no Contexto Moderno/Pós-Moderno

Nesta linha de raciocínio, é eloqüente a afirmação de Hans Künk: “Na cultura, em sentido lato, a religião sempre está incluída”(15). É forçoso dizer-se que, o termo religião não está sendo utilizado, pelo menos por enquanto, como uma organização humano-institucional, mas como aquele estado ontológico e

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

primordial chamado, às vezes, de “pura magia”⁽¹⁶⁾. Esse estado descrito por Küng, como sendo “O sonho de uma vida simples – em harmonia com uma natureza intocada, na liberdade, independência e naturalidade. O sonho de um mundo melhor. O sonho de um paraíso perdido!”⁽¹⁷⁾.

Não se deve, por outro lado, esquecer e registrar o conceito de religião enquanto uma organização humana normatizada e/ou burocrática, legalmente constituída e que reúne pessoas sob, doutrinas e rituais próprios. Neste aspecto, Jostein Gaarder e outros perguntam e respondem: “O que é religião? É o batismo numa igreja cristã. É a adoração num templo budista. São os judeus com o rolo da Tora diante do muro das Lamentações em Jerusalém. São os peregrinos reunindo-se diante da Caaba em Meca”⁽¹⁸⁾. Nesta mesma direção, os mesmos autores, recorrem a outros estudiosos como, por exemplo, C. T. Tiele e registram o seguinte conceito: “Religião significa a relação entre o homem e o poder sobre-humano no qual ele acredita ou do qual se sente dependente. Essa relação se expressa em emoções especiais (confiança, medo), conceito (crença) e ações (culto e ética)”⁽¹⁹⁾.

Mas, em um mundo frenético, onde tudo parece estar circunscrito ao aqui-e- agora, tudo girando em torno das coisas materiais e representando prazeres efêmeros e pulverizáveis, cabe a pergunta: por que inserir, nos domínios vários, o tema religião? Além do que já foi dito, a contribuição seguinte responderá à altura, essa indagação:

Um rápido olhar para o mundo ao redor mostra que a religião desempenha um papel bastante significativo na vida social e política de todas as partes do globo. [...] Ao mesmo tempo, representantes de diversas religiões promovem ajuda humanitária aos pobres e destituídos do Terceiro Mundo. É difícil adquirir uma compreensão adequada da política internacional sem que se esteja consciente do fator religião. [...] Um conhecimento religioso sólido também é útil num mundo que se torna cada vez mais multicultural. [...] Além disso, o estudo das religiões pode ser importante para o desenvolvimento pessoal do



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

indivíduo. As religiões do mundo podem responder a pergunta que o homem vem fazendo desde tempos imemoriais⁽²⁰⁾.

Todavia, nem sempre a religião foi bem aceita e facilmente assimilada em determinados círculos científico-ideológicos, alinhados por um materialismo unilateral e que entendia e disseminava a idéia de que a religião era “o ópio do povo”, portanto alienadora. Nessa concepção, não se coadunaria com os conceitos e as práticas da modernidade. Esta, nas palavras de Teixeira Coelho “um processo de descoberta” [...] “uma ação” [...] “tentativa de conhecimento” [...] “ruptura radical com o passado”⁽²¹⁾. Já se percebe que, seguindo, a rigor e linearmente esses conceitos, não haveria lugar para a religião que busca conhecimento mas sem preocupação em prová-lo cientificamente; não é dada a reflexão, porém ao sentimento e à experiência pessoais; por estar ligada ao “tempo fabuloso do princípio”⁽²²⁾; e ao mito e sua “história sagrada”⁽²³⁾, não romperia com o passado, posição diametralmente oposta à modernidade. Não foi por acaso que a síntese entre religião e marxismo causou, ao poeta e escritor Mário de Andrade, profundas contradições e intensos conflitos internos, pois teve que negar a sua fé católica para se filiar, na década de 30, ao Partido Comunista. Tal conflito vivenciado pelo escritor é registrado por Telê Ancona Lopez, a qual apresenta um Mário de Andrade, de 1917 a 1945, que se vê católico e marxista e ao mesmo tempo nem um nem outro ⁽²⁴⁾.

Mas, mesmo havendo hostilidade, o sentimento religioso primordial insiste, persiste e não desiste. E no contexto pós-moderno, pela atitude inclusivista, intertextual, antropofágica e interdisciplinar, a religião, com matizes primordiais, retoma o seu lugar e passa a ser uma das ênfases do discurso e da ordem globais.

É forçoso dizer-se que, o termo religião não está sendo utilizado como uma organização humano-institucional, mas como aquele estado ontológico e primordial chamado, às vezes, de “pura magia”⁽²⁵⁾. Esse estado descrito por Kung,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

como sendo “O sonho de uma vida simples – em harmonia com uma natureza intocada, na liberdade, independência e naturalidade. O sonho de um mundo melhor. O sonho de um paraíso perdido!” (26).

Nem sempre a religião foi bem aceita e facilmente assimilada em determinados círculos científico-ideológicos.

Todavia, mesmo havendo hostilidade, o sentimento religioso primordial insiste, persiste e não desiste. E no contexto pós-moderno, pela atitude inclusivista, intertextual, antropofágica e interdisciplinar, a religião, com matizes primordiais, retoma o seu lugar e passa a ser uma das ênfases do discurso e da ordem globais.

Esta leitura se reveste de importância por ser, certamente, uma abertura de janela para um avanço nas discussões sobre a religião, dentro do escopo cultural, nesse circuito de Terceiro Milênio, quando persiste o sonho de, ombreados e de mãos dadas, os seres humanos, sem distinção, palmilharem pelos becos, ruas, alamedas e avenidas, vislumbrando a paz planetária.

A pós-modernidade, que significa para Jair Ferreira dos Santos, as “mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção, se encerra o modernismo”(27), os relacionamentos com as mais diversas áreas do saber passam a uma realidade: nesse elenco, todos estão incluídos; na sua passarela, todos desfilam; no seu palco, todos contracenam; em suas arquibancadas, todos torcem, gritam, silenciam, riem, choram, rezam, oram, meditam, relaxam, xingam; cruzam-se políticas, ideologias, procedimentos, discursos científicos, artísticos, filosóficos, sociais, culturais, religiosos; confraternizam-se, em mesa-redonda, padre, pastor, espírita, pai-de-santo, budista, hare-krishna, ateu; todos com os olhos no futuro, e os pés na antiguidade. Assim, a religião, assume uma postura dialogal e se relaciona com tudo e com todos.

Pelo viés semiótico(28), à luz das categorias universais do pensamento e da natureza, dos signos e dos métodos de raciocínio peirceanos, tem-se,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

respectivamente, o que segue: a religião, in totum, no seu momento mágico-primordial é expressa pela primeiridade, ícone, abdução; no que tange à ação, ao interagir religioso, dissemina-se pela secundidade, índice e indução; e quanto à religião, organização normatizada, institucional, é identificada pela terceiridade, símbolo e dedução⁽²⁹⁾.

Como já foi ressaltado esta ordem é pura e meramente didática, pois esta semiose não acontece de modo rigidamente hierarquizado, seqüenciado, etapista e linear. Mas, acontece de maneira simultânea, cíclica e inter-relacional, ad infinitum. Esta leitura se reveste de importância por ser, certamente, uma abertura de janela para um avanço nas discussões sobre a religião, dentro do escopo cultural, nesse circuito de Terceiro Milênio, quando persiste o sonho de, ombreados e de mãos dadas, os seres humanos, sem distinção, palmilharem pelos becos, ruas, alamedas e avenidas, vislumbrando a paz planetária.

CONCLUSÕES

A religião, apesar de rejeitada por muitos, sempre esteve com o ser humano, ainda que disfarçada. Não é diferente no circuito de modernidade e pós-modernidade. Ela influencia o modus vivendi e o modus operandi de seus praticantes. Numa ação de interdisciplinaridade é responsável pelo diálogo e interrelacionamento operativos, produtivos e construtores, dentro e entre os mais diversos domínios das vivências e dos saberes humanos. Neste início de século 21, passa-se a ver o Mundo e o Homem in totum sob os mantos da materialidade e da espiritualidade; não mais são vistos tão-somente com a unilateralidades dos olhos. Tudo é visto, instantânea e simultaneamente, com todos os sentidos.

Com a devida vênua, é razoável concluir-se que a religião e a espiritualidade se confundem com o ser humano e este com aquela. Mesmo entre os povos

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

chamados de primitivos, a exemplo dos aborígenes australianos, dois termos que denotam duas manifestações desses seres humanos: cultura e religião.

Notas:

1. Rei Salomão. **Bíblia** – Eclesiastes, 3:1, p. 969.
2. Pierre LÉVY. A inteligência coletiva: **por uma antropologia do ciberespaço**, p. 85.
3. Edgar MORIN. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, p. 38.
4. Vicente HUIDOBRO, apud Rodrigo Moreno del Canto - Canal Encuentro, el documental La tumba abierta de Vicente Huidobro. <http://www.encuentro.gov.ar/Content.aspx?Id=1073>). Acessado em 13/11/2009.
5. Unanimismo é uma doutrina filosófico-literária criada pelo francês Jules Romains. Segundo essa doutrina, o “escritor exprime a vida e os sentimentos humanos coletivos”.
6. Mário de ANDRADE. **Obra imatura**, p. 15.
7. Jorge de LIMA, apud Carlos Emílio Faraco/Francisco Marto de Moura, p. 240.
8. Murilo MENDES, apud Carlos Emílio Faraco/Francisco Marto de Moura, p. 236.
9. Cecília MEIRELES, <http://www.revista.agulha.nom.br/ceciliameireles02.html#isis>. Acessado em 12/11/2009.
10. Vicente HUIDOBRO apud Hugo J. Verani (El creacionismo), **Las vanguardias literárias em hispanoamérica**, p. 37.
11. Vicente HUIDOBRO apud Antonio Risério/Paulo César Souza, **Altazor e outros poemas**, p. 64.
12. Gregório de MATOS apud Antonio Cândido/ J. A Castell, **Presença da literatura brasileira**, p. 60.
13. Octavio PAZ, **Liberdade Bajo palavra**, pp.167-8.
14. Hans KÜNG. Religiões do Mundo: **em busca dos pontos comuns**, p. 17.
15. Idem, p. 3.
16. Ibidem, p. 3.
17. Ibidem, p. 3.
18. Jostein GAAEDER et al. **O livro das religiões**, p. 13.
19. Idem, p. 13.
20. Hans KÜNG. Religiões do Mundo: **em busca dos pontos comuns**, p. 17.
21. Teixeira COELHO. **Moderno pós-moderno**, p.17.
22. Mircea ELIADE. **Mito e realidade**, p. 11.
23. Idem, p. 11.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

-
- 24 Telê Porto Ancona LOPEZ. Mário de Andrade: **Ramais e Caminho**, p.71-6.
25. Hans KÜNG. Religiões do Mundo: **em busca dos pontos comuns**, p. 3.
26. Idem, p. 3.
27. Jair Ferreira dos SANTOS. **O que é pós-moderno**, p. 7.
28. Charles Sanders PEIRCE. **Semiótica**, p. 32-7.
29. Lucia SANTAELLA. **Semiótica aplicada**, p. 3.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA SAGRADA**, Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
ANDRADE, Mário. **Obra imatura**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1960.
COELHO, Teixeira. **Moderno pós-moderno**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Literatura Brasileira**. 13. ed. São Paulo: Atual, 1995.
GAAEDER, Jostein e outros. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000 (Tradução Isa Mara Lando).
HUIDOBRO, Vicente. **Altazor e outros poemas**. São Paulo: Art Editora Ltda, 1991. (Tradução de Antonio Risério e Paulo César Souza).
ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1989. (Tradução Póla Civelli). (Coleção Debates).
KÜNK, Hans. **Religiões do mundo** – em busca dos pontos comuns. Campinas (SP): Verus Editora, 2004 (Tradução Carlos Almeida Pereira).
LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998 (Tradução de Luiz Paulo Rouanet).
LOPEZ, Telê Porto Ancona. Mário de Andrade: **Ramais e Caminho**. São Paulo: Duas, 1972.
MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001 (Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya).
PAZ, Octavio. **El arco y la lira**. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
_____. **Libertad bajo la palabra**. Madrid: Cátedra, 1998.
PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977 (Tradução José Teixeira Coelho Neto).
SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos).